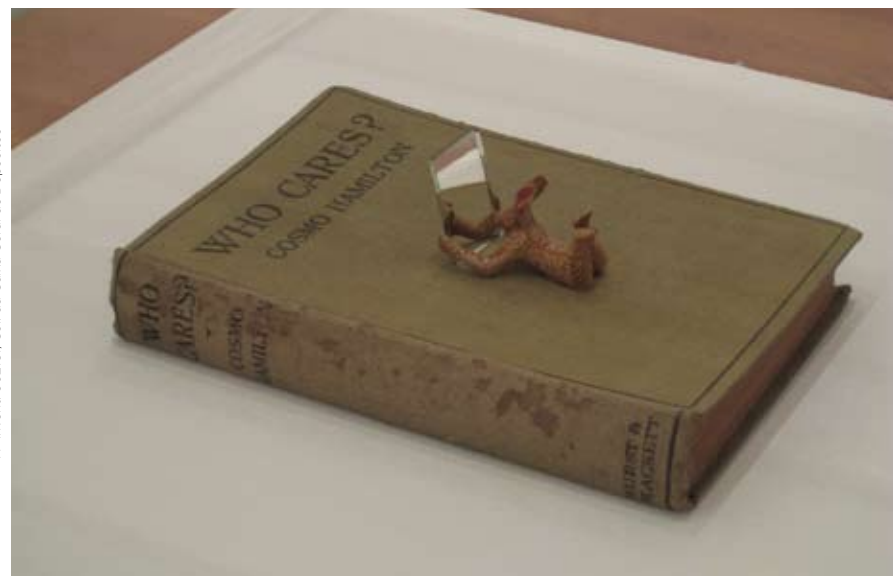


Suspension of Disbelief 4 conversas sobre imagens, crença e espaço do corpo na arte

Por Delfim Sardo



Ana Jotta, *Who cares?*, s.d.
N.º invent. 602181, Col. da Caixa Geral de Depósitos

2 de Março · Grande Auditório

A crença nas imagens que se mexem num ecrã

A nossa relação com os filmes é produzida a partir da imersão no nicho que é a cadeira de cinema, a sala negra e o ecrã. No entanto, durante um filme, qualquer filme, as remissões para outros universos do visto e do vivido transformam e multiplicam as relações que construímos com as imagens em movimento.

Ao longo dos últimos cinquenta anos, no entanto, muitos artistas têm apropriado as linguagens do cinema para construir situações de imagens projectadas no espaço do museu e da galeria que destroem o esquecimento do corpo da sala de cinema, quer usando filme, vídeo ou luz.

Na multiplicidade das imagens projectadas, na utilização do cinema como metáfora, está construída uma outra tipologia de relação, simultaneamente corporizada e de meta-crença nas imagens projectadas.

Neste contexto surge uma cinemática da tridimensionalidade, do espaço e do corpo.

Delfim Sardo nasceu em 1962. É docente da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Tem repartido a sua actividade pela crítica e ensaística sobre arte, a curadoria e o ensino. É o curador da Trienal de Arquitectura de Lisboa 2010. Entre as suas publicações destacam-se *Luxury Bound, A Fotografia de Jorge Molder* (Lisboa 1999), *Helena Almeida, Pés no Chão, Cabeça no Céu* (Lisboa 2004), *Pintura Redux* (Porto, 2006), *A Visão em Apneia* (Lisboa 2009).

Qua 10 de Fevereiro

A crença na pintura

Qua 17 de Fevereiro

A crença no corpo

Qua 24 de Fevereiro

A crença no espaço

Ter 2 de Março

A crença nas imagens que se mexem num ecrã

Este ciclo de quatro sessões parte de uma citação de Coleridge de 1798, na qual afirmava que era uma “voluntária suspensão da incredulidade (*willing suspension of disbelief*) que momentaneamente cria a crença poética”.

Esta afirmação merece ser confrontada com a forma como a arte moderna veio a desestabilizar a relação de crença nos processos de produção de imagens, esticando esta relação de suspensão até à sua queda, até ao momento no qual as imagens não possuem qualquer processo que nos oriente nas suas teias.

O centro deste ciclo será, assim, o da avaliação sobre os processos de relação com as imagens, a dimensão corporal e os espaços que resgatam este processo nas suas várias vertentes.

O projecto de cada uma das sessões é o de partir de situações concretas na arte do século XX e verificar as consequências do processo de avaliação permanente das condições de possibilidade da arte que é inerente ao modernismo, como se a tentativa de testar os transcendentais da arte fosse uma missão inescapável. Neste sentido, não há arte de hoje que se possa exercer sem passar pela sua condição de possibilidade e, portanto, pela sua modernidade.

Morto o modernismo, a questão do moderno não fica demitida. Podemos mesmo acreditar que o modernismo, na sua permanente fibrilação, é regularmente tratado a golpes de desfibrilador transcendental pelo discurso crítico que o viabiliza como corolário da necessária consciência do tempo moderno.

Este desfibrilador funciona movido a crença. É dela que vamos tratar.

Delfim Sardo

QUA 10, 17, 24 DE FEVEREIRO E TER 2 DE MARÇO DE 2010 · 18H30 · PEQUENO AUDITÓRIO